

Taubaté 20,1,1904

Rangel:

Tua carta veio como aragem. Eu estava com saudades dum vôo e aqui não ha asas_ só se discutem coroneis politicos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*; andava descontente comigo mesmo, com as minhas ideias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte_ todo odios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as ideias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo. Bem que eu procuro humilhar essa feição do meu espirito. Ela teima. Mas acho que hoje amarrarei o magister na argola do canil.

Meu Soriano de Sousa está em S. Paulo, no fundo dum caixão, ou dum dos meus caixões, o que é peor; impossivel te servir. De Daudet só tenho aqui *Nababo*, *Tartarin*, *Jack e Sapho*. E as cartas do moinho. E tenho ainda algum Machado de Assis, algum Eça, Herculano e ... os *Dez Contos* do Goulart. O Goulart é o meu Montaigne_ o livro de cabeceira. Ali aprendo como não se deve escrever. A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente historica e cientifica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta*, o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantú grande; e o Elysée Reclus grande; e inumeras preciosidades nacionais, como a coleção inteira da *Revista Ilustrada* do Angelo Agostini, a do *Novo Mundo* de J. C. Rodrigues e mais coisas assim. Ha uma coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto em menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. Coisas horriveis, mas muito bem desenhadas_ do tempo da gravura em madeira. Cenas de indios sioux escapando colonos. E negros achantis de compridas lanças, avançando contra o inimigo numa gritaria.

Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da India. Viuvias na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados à tromba de elefantes. E indios da Terra do Fogo, horriveis, a comerem lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir... E tragedias do centro da Asia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito. Eram os romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. Certa vez encontrei naquela biblioteca um album de fotografias que me tumultuaram o sangue; só mulheres nuas!... Mas não eram mulheres nuas, Rangel: eram nus do Salon. Eu não sabia distinguir. Tambem encontrei lá todas as obras de Spencer. Essa biblioteca, pela maior parte, fôra dum filho de meu avô que depois de formar-se em S. Paulo deu de correr mundo, andou pelo Egito e outros paises historicos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Napoles.

Secretario de legação. Sua bagagem veio para Taubaté, com mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali.

Obrigado pelo *Mont Oriol. Pierre et Jean* já li. *Toine*, não. Escreveste á margem: “Sigo para São Paulo a 2 de Raul”. Que mês é Raul?

E agora, um puxão de orelhas: Por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de ‘faça o favor’, “se não for incomodo”, e mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, xucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o Rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sêdes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça, botar a minha sêde acima da tua! Sêde é sêde. Outro vicio teu é a tal modestia. Parece que você faz da modestia palanque donde melhor regalar-se com a vaidade humana. Seja todo portas e janelas abertas, homem!

Queres mais impressões sobre *Canaã* (note que não digo “minha humilde opinião”, “meu fraco parecer”. Para que? Li *Canaã* num exemplar do *Candido*, faz tempo, e achei um livro forte, sadio, certo_ e com excelentes paisagens. Na pintura de cenas Graça Aranha é criador. Tudo vive. Na cena do teodolito, ao lado do magistral desenho do carater de Felicissimo_ que é a vasta classe dos mulatos pernosticos_ ha na boca do alemão um “Estes mulatos!...” que pega muita gente. Outra cena que me ficou: a do caçador morto no ranchinho, rodeado dos cães amigos que lhe defendem o corpo contra a invasão dos *padres*. Originalissima e com uns toques epicos. Suas descrições de florestas fazem-me sentir um mormaço e um cheiro de folhas e musgos molhados. Não é mais a mata descrita pelas receitas de Chateaubriand. É mata, mato de verdade. Os escuros dos verdes, os humidos, os fofos, a calma dos troncos, a paciencia de tudo, a paulama, a cipoeira, os farfalhos_ todo o “jogo de futebol parado” da botanica. Equivale a Antonio Parreiras_ o nosso unico pintor que pinta matas certas.

A nossa justiça está ali “escarrada”; posso dar outros nomes a todos aqueles tipos forenses.

O livro conduz duas coisas paralelas, uma realista, outra simbolica. Milkau e Lentz são dois *revenants* do tempo de Byron vestidos á moderna, que passam pelo romance como nuvens, filosofando ao modo de Goethe no *Wilhelm Meister*, defendendo ideias polares _ mas ligados pela mesma superioridade mental; Milkau simboliza a boa Alemanha contemplativa e musical, e Lentz simboliza a Alemanha perigosa que eu tenho medo surja de Nietzsche. São os Froments dos “Evangelhos” de Zola. Em baixo desse nevoeiro de filosofia, a boiar mansamente por toda a obra, vemos a vida brasileira sem nenhuma deformação

patriótica, com todas as suas chinfrinices_ e personagens apequenados pelo contraste com a violentíssima natureza tropical.

Acho Graça Aranha novo. Abre caminho para o artista-filosofo, o artista de cultura moderna que ha de substituir os meros naturalistas descritivistas á Zola (mas sem o genio esmagador de Zola). Zola me lembra o martelo-pilão das fabricas de ferro; os seus imitadores são martelos de quebrar coquinhos. O naturalismo foi uma reação violenta contra os exageros do romantismo. Mas o naturalismo passou da conta e por sua vez está provocando reações. O naturalismo acabou em fotografia colorida. O adjetivo de que o Macuco mais gosta deve ser o “nitido”, e não ha cretino que ao dar opinião sobre *qualquer* pintura (a *Gioconda* ou um Corot) não venha com o classico: “Como está nitida!” Pois foi isso. O naturalismo morreu no nitido fotografico.

Graça Aranha é um artista e um sociologo; este passará mas aquele fica; os sociologos lidam com problemas passageiros; só artistas lidam com coisas eternas.

Se gosto de Stendhal? Imenso. Amigo velho na historia da pintura, nas viagens, nas “promenades” em Roma, no *Le Rouge et le Noir* (um assombro!), na *Chartreuse de Parme*. A descrição que Stendhal faz da batalha de Waterloo é a maior das maravilhas. O heroi não viu nada, só viu a si mesmo e aos companheiros mais proximos, e as cercas que andou pulando na fuga. Mais tarde é que veio a saber que aquilo fôra a famosa batalha de Waterloo. No *Le Rouge et le Noir* o vermelho é o espirito napoleonico e o preto é o padre_ a Reação. Stendhal tem relampagos; é sempre original, quasi sempre sincero e poucas vezes atraente (à moda dos “faceis”). Genio.

Estou agora em Shakespeare, a *Tempestade* e Oliveira Martins, *Teoria do Socialismo*.

De Goethe só tenho o *Fausto* na tradução de Gerard de Nerval, o *Wilhelm Meister*_ e aa conversas com Erckmann.

Ando com ideia de traduzir o *Principe* de Machiavel. Nossos tempos são corruptos sem estilo e sem filosofia. Com Machiavel bem difundido, teriamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores.

Chega. Não tenho tido noticias de ninguem do Cenaculo.

LOBATO